

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA

DAIANI PEREIRA

AS CONTRIBUIÇÕES DA/O PEDAGOGA/O BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO DE
CRIANÇAS SURDAS

PALHOÇA

2021

DAIANI PEREIRA

AS CONTRIBUIÇÕES DA/O PEDAGOGA/O BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS SURDAS

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue (Libras/Português) do Campus Palhoça Bilíngue do Instituto Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do diploma de Licenciada em Pedagogia Bilíngue.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Danielli
Vieira

PALHOÇA

2021

DAIANI PEREIRA

AS CONTRIBUIÇÕES DA/O PEDAGOGA/O BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS SURDAS

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de “Licenciada em Pedagogia Bilíngue”, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, e aprovado na sua forma final pela comissão avaliadora abaixo indicada.

Palhoça, 24 de março de 2021.

Prof^ª. Danielli Vieira, Dra
Orientadora
Instituto Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Eliana Cristina Bär, Dra.
Instituto Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Ana Paula Jung, Esp.
Instituto Federal de Santa Catarina

Defesa remota por conta da Pandemia Coronavírus. Ata da defesa, com ciência e aceite por email de todos os membros da banca e da acadêmica, arquivada pelo Registro Acadêmico do Campus.

AGRADECIMENTO

Agradeço à minha orientadora, por ter me guiado na elaboração deste trabalho, a todos os professores que me ajudaram desde o início dessa longa jornada até aqui, aos meus amigos e colegas, pelo apoio e contribuição em minha vida acadêmica e à minha família por terem acreditado em mim e me apoiado nos momentos mais difíceis.

"Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo".

(Paulo Freire, 1982)

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho foi o de analisar as contribuições das, dos pedagogos bilíngues na formação de crianças surdas. Realizou-se entrevistas e questionários de caráter qualitativo junto a pesquisadoras/docentes do campo da Educação bilíngue (Libras/Português). Por meio da pesquisa, constatou-se que dentre outras coisas: a importância de reconhecer a surdez como diferença cultural/linguística e a Libras como possibilidade de ampliação de horizontes em relação à formação, à constituição do sujeito surdo e ao seu desenvolvimento cognitivo e educacional; para desenvolver uma educação bilíngue é necessária a formação dos profissionais da educação no que diz respeito à Libras e às especificidades da surdez bem como políticas públicas que contemplem o diálogo junto às famílias das crianças surdas; a/o licenciada/o em Pedagogia bilíngue é essencial para efetivar uma educação bilíngue de qualidade, na qual a criança surda possa obter uma formação adequada às suas especificidades, sem intermediários, com um profissional capaz de se comunicar com ela e de traçar as estratégias didático-pedagógicas necessárias.

Palavras-Chave: Educação Bilíngue. Pedagogia Bilíngue. Educação de Surdos.

ABSTRACT

The main objective of this work was to analyze the role of bilingual educators in the training of deaf children. Qualitative interviews and questionnaires were carried out with researchers / teachers in the field of bilingual education (Libras / Portuguese). Through research, it was found that, among other things: the importance of recognizing deafness as a cultural / linguistic difference and Libras as a possibility to expand horizons in relation to training, the constitution of the deaf subject and their cognitive and educational development ; in order to develop a bilingual education, it is necessary to train education professionals with regard to Libras and the specifics of deafness, as well as public policies that include dialogue with the families of deaf children; a bilingual Pedagogy graduate is essential to provide quality bilingual education, in which the deaf child can obtain training appropriate to their specificities, without intermediaries, with a professional capable of communicating with them and of drawing up strategies didactic-pedagogical requirements.

Keywords: Bilingual Education. Bilingual Pedagogy. Deaf Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IFSC - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina

Libras – Língua Brasileira de Sinais

PROLIBRAS- Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. OBJETIVOS	12
1.1 Objetivo Geral	12
1.2 Objetivos Específicos	12
2 EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS SURDAS	12
2.1 Educação de surdos	12
2.2 Educação inclusiva e educação bilíngue (Libras/Português) no Brasil	13
2.3 A Língua brasileira de sinais e os processos de alfabetização e letramento na perspectiva bilíngue	14
2.4. A pedagogia bilíngue (Libras/Português) no Brasil	16
3 METODOLOGIA	17
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	18
4.1 Surdez como diferença linguística. A língua de sinais e a constituição do sujeito surdo	
4.2 Educação de surdos: desafios e conquistas	22
4.3 A importância da educação bilíngue e suas potencialidades na educação das crianças surdas	24
4.4. Educação bilíngue na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Especificidades da/o pedagoga/o bilíngue	26
4.5 Desafios no campo de atuação da pedagogia bilíngue	27
CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS	31
ANEXO 1 Questionário	34
ANEXO 2 Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	35

INTRODUÇÃO

Pensar em uma educação voltada para pessoas surdas significa promover oportunidades igualitárias de acesso ao conhecimento, em que todos possam participar efetivamente. Além disso, o professor deve perceber as necessidades diferenciadas de seus alunos, levando os sujeitos a valorizar o eu, o outro e o nós em um aprendizado dinâmico e livre de preconceitos, ultrapassando as barreiras comunicativas e expressivas e promovendo a equidade. Grande parte dos surdos brasileiros encontra na Língua Brasileira de Sinais (Libras) sua língua de identificação. Para muitos deles a oralidade não se aplica.

Até o início da década de 90, nem se ouvia falar em Educação Inclusiva, nem tampouco em Educação Bilíngue, mas afinal, qual o significado das práticas inclusivas e bilíngues na educação de crianças surdas? Quais são os desafios enfrentados pelos docentes frente à inserção destes alunos na rede básica de ensino? Qual o significado da Libras na vida destes sujeitos? E quais as contribuições da e do pedagogo bilíngue diante desta realidade? São estas, portanto, algumas das indagações que não nos deixam aquietar.

Tendo em vista todas essas questões, esta pesquisa buscou a compreensão dos desafios a serem enfrentados pelas e pelos docentes, formados em Pedagogia Bilíngue, em seu campo de atuação profissional, além de destacar as especificidades dessa atuação.

Falar sobre a prática pedagógica bilíngue junto às pessoas surdas é sobretudo abordar assuntos que envolvem docência, didática e atuação profissional da/o pedagoga/o bilíngue. Sabe-se que muitos são os desafios enfrentados em sala de aula, já que este é o termômetro das relações interpessoais de aprendizado, nas quais professor e aluno constroem e compartilham seus conhecimentos. Entretanto, mesmo com todas as limitações educacionais e comunicativas impostas às pessoas surdas a serem trabalhadas dentro e fora de sala, é gratificante o reconhecimento enquanto educadores.

O tema da pesquisa envolveu as políticas educacionais voltadas às pessoas surdas, especialmente, as crianças surdas, e uma educação bilíngue voltada à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental. O processo educacional, nesse caso, deve ser realizado por profissionais treinados e capacitados para lidar com barreiras comunicativas e para adaptar os currículos, a didática, os conteúdos, buscando métodos, materiais, estratégias e alternativas para atuar efetivamente na educação destes sujeitos.

Elaborou-se um estudo que relaciona a docência e/ou acompanhamento especializado

da/o pedagoga/o bilíngue ao avanço no processo educativo das crianças surdas, encontrando, assim, justificativa para a pesquisa no campo teórico, na possível contribuição para o avanço nos estudos sobre educação bilíngue, bem como no campo da realidade concreta, para a efetivação de propostas de educação que respeitem as diferenças, as demandas dos sujeitos e os coloquem em situação de equidade.

Percebe-se que atualmente, o debate sobre a Educação Inclusiva tem repercutido positivamente em vários aspectos, visto que o seu propósito é promover a participação das minorias sociais e inseri-las em espaços escolares antes reservados às pessoas enquadradas dentro dos padrões pré-estabelecidos de força, beleza, riqueza e perfeição. Contudo, muitas vezes, nas escolas regulares inclusivas, continuam a existir processos de exclusão e de isolamento das crianças surdas, aí é que entra a proposta de uma educação bilíngue, pois esta assume a função de permitir a convivência com duas línguas, cujo objetivo central é o processo educativo que prioriza, para os educandos surdos, a Libras como primeira língua e a língua portuguesa, em sua modalidade escrita, como segunda língua.

Tal proposta tem ganhado cada vez mais espaço e respaldo tanto na legislação como nos estudos sobre Educação de surdos e nos movimentos sociais das comunidades surdas. Para que uma educação bilíngue se efetive, faz-se necessária, dentre outras coisas, uma formação específica para a atuação dos docentes junto às crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. É nesse contexto que surgiram os cursos de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue. No Decreto 5.626/2005, que regulamenta a Lei de Libras, é estabelecido que:

Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngue.

§ 1º Admite-se como formação mínima de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, a formação ofertada em nível médio na modalidade normal, que viabilizar a formação bilíngue, referida no caput.

§ 2º As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no caput (BRASIL, 2005).

A formação em Pedagogia Bilíngue é escassa e recente no Brasil, existem apenas três cursos superiores presenciais. Um desses cursos está presente no IFSC Campus Palhoça Bilíngue. A autora da monografia é formanda desse curso e compartilha com os colegas diversas inquietações. Uma delas é sobre a importância desse profissional no contexto educativo das crianças. Assim sendo, optou-se por aproveitar a oportunidade de realização de pesquisa no TCC para aprofundar esse tema. A questão norteadora da presente monografia é,

por sua vez: quais as contribuições da/o pedagoga/o bilíngue na educação de crianças surdas?

Após a presente introdução seguem: os objetivos, a fundamentação teórica, a metodologia, a discussão dos resultados a partir de cinco categorias de análise e a conclusão.

OBJETIVOS

1.1 Objetivo geral

O objetivo geral foi o de compreender e descrever as contribuições da/o pedagoga/o bilíngue na educação de crianças surdas.

1.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos foram: destacar a importância da Libras na vida dos sujeitos surdos e as possibilidades abertas pela educação bilíngue em suas trajetórias escolares; identificar as especificidades das metodologias de ensino nos processos de alfabetização e letramento de crianças surdas na proposta de educação bilíngue; apresentar relatos sobre os desafios e as conquistas dos professores bilíngues e sobre as competências básicas para atuar na educação bilíngue para surdos.

2 EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS SURDAS

No presente item será apresentada a fundamentação teórica utilizada na pesquisa.

2.1 Educação de surdos

A Educação de surdos foi construída em paralelo a processos históricos e culturais de exclusão, retrocesso, opressão, lutas e desavenças. Na ponta deste iceberg, estão “os movimentos de expansão e retração, provocados pela criação, em 1760, da primeira escola pública para jovens e adultos surdos em Paris e pelo Congresso de Milão, em 1880” (SILVA, 2001, p. 14). E último garantiam, entre outras coisas, a hegemonia do oralismo, pois acreditava-se na superioridade da língua falada em relação às gesticulares, o que, ao longo dos anos trouxe consequências negativas e um retrocesso na educação destes sujeitos que saíam das escolas com

qualificações inferiores e habilidades sociais limitadas.

A língua de sinais foi inicialmente reconhecida após a experiência educativa do abade L'Épée na escola pública para jovens e adultos surdos em Paris. Nesta ocasião, percebeu-se que os sinais cumpriam papéis elevados com relação à Educação de surdos. Eles foram incorporados às práticas metodológicas e aos processos pedagógicos, promovendo, dessa forma, o devido reconhecimento das línguas de sinais como primeira língua. Skliar (2013) acrescenta que a Educação de surdos deve levar em conta a assimetria existente nas relações de poder entre surdos ouvintes e procurar desmistificar o preconceito, explorar os inúmeros recursos linguísticos, respeitando as singularidades, estimulando seu aprendizado cognitivo, social e emocional.

No caso da Educação de surdos no Brasil, sabemos que as consequências das propostas educacionais praticadas no passado refletem a trajetória político-histórica de resistência à oralização e de luta pela implementação da Libras nos currículos educacionais, sob uma vertente bilíngue, que considera os aspectos didáticos e linguísticos de ambas as línguas no sentido de ampliar a capacidade de percepção e de entendimento. Considerando que as políticas públicas são transversais, Moraes e Martins (2020) destacam que elas “avançaram consideravelmente nas últimas décadas, no sentido da democratização do acesso educacional e na busca da qualidade do ensino, especialmente na Educação Básica” (p. 3), tornando-se este o objetivo de muitos profissionais que atuam neste segmento.

2.2 Educação inclusiva e educação bilíngue (Libras/Português) no Brasil

Quando falamos em propostas pedagógicas inclusivas, verificamos que estas não são tão antigas quanto parecem. Foi só a partir de 1994, com a “Declaração de Salamanca”, que a Educação Inclusiva obteve respaldo em esfera global preconizando a equidade educacional entre indivíduos com ou sem deficiência em uma sociedade mais justa e igualitária, independente das condições socioeconômicas, raciais, culturais (UNESCO, 1994).

Mais do que uma proposta educacional, a Educação Inclusiva refere-se a uma nova cultura escolar que identifica nos sujeitos a sua capacidade de interagir e aprender, mesmo quando frente às especificações.

A inclusão escolar é vista como um processo dinâmico e gradual, que pode tomar formas diversas a depender das necessidades dos alunos, já que se pressupõe que essa integração/inclusão possibilite, por exemplo, a construção de processos linguísticos adequados, de aprendizado de conteúdos acadêmicos e de uso social da leitura e da escrita, sendo o professor responsável por mediar e incentivar a construção do

conhecimento através da interação com ele e com os colegas. (LACERDA, 2006, p. 167).

Rodrigues (2006) reafirma que as pessoas com deficiência têm de ser acolhidas pelas instituições de ensino básico no sentido de ampliar suas possibilidades e oportunidades de ensino-aprendizado e não a de classificá-las ou rotulá-las como incapazes. Elas precisam trabalhar com as diferenças; com a pluralidade; flexibilizar seus currículos; ampliar suas didáticas e seus métodos de ensino adaptando os materiais e os recursos aos interesses individuais e sociais dos indivíduos; planejar atividades com o propósito de atender as demandas de sua clientela; e, acima de tudo, criar oportunidades iguais para que todos aprendam coletivamente, garantindo assim, o acesso à locomoção e à comunicação dentro de suas dependências.

Diacronicamente, a Educação de surdos no Brasil, está relativamente melhor, em comparação aos métodos de aprendizagem aplicados no passado. Diante desta realidade, a Língua Brasileira de Sinais tornou-se uma peça fundamental na educação de surdos, garantindo-lhes sua acessibilidade comunicativa, informação e educação, assumindo uma asserção mais evidente e ampla em relação aos aspectos sócio-histórico e linguístico-cultural dos sujeitos (NASCIMENTO; BEZERRA, 2014).

Considerando que a Libras é essencial para educar, alfabetizar e letrar pessoas surdas, o contato, ainda na primeira infância, com esta língua amplia significativamente as possibilidades e oportunidades de apropriarem-se do saber. Apesar da educação bilíngue (modalidade educativa que contempla a Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda língua) estar pautada nas políticas públicas educacionais brasileiras, há poucos profissionais capacitados para intermediar esse processo bilíngue de inserção ao mundo letrado. Sobre isso, Fernandes e Rios (1998) reforçam que “educar com bilinguismo é ‘cuidar’ para que através do acesso a duas línguas, se torne possível garantir que os processos naturais de desenvolvimento do indivíduo, nos quais a língua se mostra instrumento indispensável, sejam preservados” (p. 14).

2.3 A Língua brasileira de sinais e os processos de alfabetização e letramento na perspectiva bilíngue

A aprendizagem da língua materna, seja oral ou escrita, é um processo contínuo e permanente. Para Soares (2017, p. 17) a alfabetização é “o processo de aquisição do código escrito, das habilidades básicas da leitura e escrita, na definição da competência em alfabetizar”.

Em outras palavras, refere-se à aquisição da tecnologia da escrita, expressa na decodificação dos fonemas em grafemas ou vice-versa (alfabeto e ortografia); desenvolvimento das habilidades motoras em relação à manipulação dos objetos (lápiz, caneta, borracha, computador, etc.); decodificação e codificação dos modos de ler e escrever; organização espacial do texto; melhoria da escrita sem garranchos; sentido e direção da leitura e escrita; manipulação correta dos suportes em que se escreve ou lê (livros, jornais, revistas, papéis de diferentes tipos e formatos, etc.).

Mas, além disso, segundo Carvalho e Ribeiro (2017):

A alfabetização não se restringe apenas a dotar os indivíduos de certas habilidades para ler e decodificar símbolos e letras. Ao se alfabetizarem, os indivíduos também se instrumentalizam para compreender e reconstruir a sua realidade. De posse desse instrumento da cultura e da civilização, os educandos podem ampliar a sua relação com o universo, com a realidade histórica das relações sociais e consigo mesmo. Alfabetizado, o indivíduo vê aumentadas as possibilidades concretas de uma participação efetiva na construção da realidade histórica, pois se apossa de instrumentos que o capacitam a compreender e expressar sua relação com o mundo. A alfabetização consiste no aprendizado do alfabeto e de sua utilização como código de comunicação, alfabetizar – se corresponde a compreender para que servem os sinais da escrita e de que modo eles se articulam no tecido da escrita (CARVALHO; RIBEIRO, 2017, p. 3).

Nas sociedades grafocêntricas, as formas de produção cultural, políticas e econômicas estão fortemente alicerçadas na escrita, a construção de uma civilização mais justa e igualitária depende da participação de todos - independente de suas limitações comunicativas - e do domínio do código oral e escrito de uma língua vernacular através da alfabetização. Já o termo letramento é recente, e refere-se ao “processo permanente de empoderamento social pelo qual passam os indivíduos ao participarem de práticas e eventos (atividades e ações de linguagem), no âmbito da cultura escrita, em diferentes esferas da sociedade” (BALTAR; CERUTTI-RIZZATTI; ZANDOMENEGO, 2011).

No caso específico da Educação de surdos:

O contato com a leitura e a escrita também contribui de maneira significativa para o desenvolvimento da criança surda, que assim como as ouvintes, gostam e se interessam pela contação de histórias. É importante que as crianças tenham contato desde muito cedo com os livros, manusear, folhear, observar as imagens faz parte do processo de letramento das crianças, a presença e acompanhamento dos pais neste processo contribuem para o aprendizado e fortalece os vínculos familiares. A relação com livros estimula a memória, amplia o vocabulário, ajuda na formulação de hipóteses, desperta o imaginário, e ainda, estimula o gosto pela leitura e a escrita (DIDÓ, 2013, p. 37).

O processo de alfabetização e letramento de pessoas surdas exige um nível de

comprometimento e complexidade, tanto do professor quanto do aluno, uma vez que envolve questões bilíngues sobre o uso de uma língua gestual-visual e outra escrita. Além disso, Fernandes (2008) enfatiza que o bilinguismo na educação de surdos faz com que os professores estejam atentos as reformulações das práticas educativas, incorporando a Libras em suas estratégias de alfabetização, que é a aquisição da escrita e letramento, mediante a aplicação de didáticas visuais, gestuais, corporais, de leitura e de escrita.

2.4. A pedagogia bilíngue (Libras/Português) no Brasil

Devido ao reconhecimento da Libras pela Lei Federal 10.436 - sancionada pelo Decreto 5626/2005, à atual Política Nacional de Educação Especial e ao aumento significativo de crianças surdas matriculadas na rede básica de ensino, houve a necessidade de adotar ações e estratégias para atender satisfatoriamente esta nova demanda, entres as quais: inclusão de Libras nos cursos de formação de professores, tradutores intérpretes, entre outros; criação do exame nacional para certificação da proficiência linguística em Libras - PROLIBRAS; inserção de currículos bilíngues - Libras como primeira língua e do português escrito- nos contextos escolares; mediação e articulação de práticas pedagógicas emancipatórias (LODI, 2013).

Sobre esse novo campo na Pedagogia cabe ressaltar que:

É importante destacar que a Educação de Surdos traz relevantes contribuições a uma pedagogia que valoriza os processos de aprendizagem a partir da diferença na forma do educando construir e se relacionar com o mundo. Para tanto, as práticas de ensino vinculam-se intrinsecamente com as de pesquisa, uma vez que o olhar diferenciado necessita como motor a interrogação e o ato criativo da quebra de paradigmas seculares de pedagogias construídas nas arquiteturas das tradições orais. Nesse sentido, o contato com os educandos surdos abre caminhos para se formarem trilhas epistemológicas, fazendo emergir metodologias, debates, desconstruções de uma forma de pensar, sentir e agir no campo da educação (BÄR; MASUTTI, 2015, p. 11-12).

Há poucas instituições de ensino brasileiras voltadas a formar pedagogos bilíngues, aptos para trabalhar com surdos ou ouvintes na Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Uma delas é o IFSC Campus Palhoça Bilíngue. O Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia Bilíngue (IFSC, 2016) destaca que: “Inclui-se nesta formação a aptidão para o trabalho vinculado a uma política linguística que reconhece as especificidades pedagógicas e linguísticas dos Surdos seguindo as recomendações do Decreto nº 5.626” (p. 11). Acerca da concepção de bilinguismo adotada, o documento traz que ela:

[...] está ancorada à perspectiva política e pedagógica de um grupo linguisticamente e culturalmente minoritário que tem a Língua de Sinais Brasileira como primeira língua

e a Língua Portuguesa em sua modalidade escrita como segunda língua. As línguas envolvidas nessa concepção geram implicações pedagógicas, cognitivas, psicolinguísticas e sociolinguísticas, devido principalmente à característica visual que marca as relações dialógicas desse grupo linguístico e cultural denominado de Surdo (IFSC, 2016, p. 11).

A educação bilíngue e a formação para uma pedagogia bilíngue têm princípios orientadores, bem como implicam em elementos pedagógicos específicos. Seguindo as contribuições de Bär (2019) em sua tese acerca das Licenciaturas em Pedagogia Bilíngue, podem-se considerar como princípios orientadores da educação bilíngue: a diferença cultural; a Libras como língua de interlocução e a Língua Portuguesa como segunda língua e a interculturalidade. E os elementos pedagógicos que marcam a proposta são: visualidade; letramento, registro e avaliação (BÄR, 2019, p. 202-215). A autora destaca que:

[...] os envolvidos na educação bilíngue, a partir de uma compreensão sociocultural, têm se pautado em evidenciar a centralidade da cultura e seus sujeitos na construção de práticas pedagógicas por si (mesmo que em conjunto) e para si. Assim, esses princípios e elementos, ao mesmo tempo em que atravessam diferentes estudos, podem estabelecer relações com todos os envolvidos com a educação bilíngue, em especial, os professores. (BÄR, 2019, p. 203)

2 METODOLOGIA

A taxonomia aplicada ao estudo foi de natureza básica (ou pura), que, por sua vez, é utilizada na resolução de “questões intrincadas ou obter conhecimentos novos de natureza teórica e experimental que tenham pouco impacto direto ou imediato sobre ação, desempenho ou decisões de política” (COOPER; SCHINDLER, 2016, p. 24). O caráter da pesquisa foi qualitativo visto que utilizou dados primários obtidos a partir de um número restrito de questionários e uma entrevista com ênfase no aprofundamento de algumas questões. Ainda sobre a classificação quanto aos procedimentos metodológicos, o estudo assumiu também características bibliográficas e documentais, pautadas no campo da educação bilíngue.

Os instrumentos de coleta de dados foram entrevista e questionário compostos por: dados gerais das entrevistadas; sete perguntas elaboradas pela própria pesquisadora e por sua orientadora. O questionário encontra-se no Anexo 1.

Foram entrevistadas cinco pesquisadoras/docentes do campo da educação bilíngue. Todas com formações em nível de Especialização à Doutorado e com ampla experiência

na área, tanto a partir de pesquisas no campo bem como na atuação docente junto a pessoas surdas. Uma das entrevistadas é surda. Uma delas optou por responder às questões em conversa através da plataforma do *google meet*. As demais responderam ao questionário por escrito.

Foram seguidas todas as recomendações em relação às questões éticas pertinentes à pesquisa, seguindo-se as regras e orientações da instituição, tais como a preservação da integridade física, emocional ou de identidade das interlocutoras, a não divulgação de dados sem o devido consentimento. O modelo do termo de consentimento livre e esclarecido apresentado e aceito pelas entrevistadas encontra-se no Anexo 2.

Na análise dos resultados as entrevistadas serão identificadas como E 1; E 2; E 3; E 4 e E 5.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Faz-se, agora, uma discussão dos resultados da pesquisa. A partir da coleta dos dados foi possível elencar um conjunto de cinco categorias de análise, que são respectivamente: (1) Surdez como diferença linguística. A língua de sinais e a constituição do sujeito surdo; (2) Educação de surdos: conquistas e desafios; (3) A importância da educação bilíngue e suas potencialidades na educação das crianças surdas; (4) Educação bilíngue na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Especificidades da/o pedagoga/o bilíngue; e (5) Desafios no campo de atuação da pedagogia bilíngue.

4.1 Surdez como diferença linguística. A língua de sinais e a constituição do sujeito surdo

Fernandes e Moreira (2009) apontaram que os surdos podem ser considerados bilíngues quando usam e são constituídos por duas línguas brasileiras legais, pois ambas expressam valores, crenças e percepções que compartilham elementos culturais comuns na sua realidade. Ressalta-se que a base do bilinguismo é proporcionar um ambiente linguístico em que a língua de sinais e a comunicação escrita em português possam ser utilizadas para aprender a língua espontaneamente, em todas as situações de aprendizagem escolar, bem como nos demais contextos socioculturais da criança surda.

De acordo com a discussão das autoras acima mencionadas, a surdez pode ser considerada enquanto uma diferença linguística e não como uma deficiência no sentido do viés

clínico-terapêutico, que insiste no ensino da linguagem oral e no monolinguismo. Esse aspecto se torna de fundamental importância no campo da educação e na relação professor e aluno.

Essa relação pode ser percebida no relato da Entrevistada – 1 (E 1) , quando descreve a sua relação com a Libras enquanto parte da diversidade linguística:

Descrevo como se fosse respirar um ar mais puro. Sem a Libras respiramos, mas com a Libras ficamos saudáveis, felizes, superamos os obstáculos da vida, ganhamos coragem para enfrentar as adversidades, ficamos criativos, nossa autoestima é favorecida, passamos a compreender a diversidade da sociedade, passamos a nos autoconhecer e abrimo-nos ao processo de constituição de identidades, nossos processos mentais se desenvolvem mais, nossas habilidades sociais melhoram, passamos a traçar metas e objetivos e a vida flui com mais força (E 1).

Essa perspectiva é defendida, também, por Gonçalves e Andrade (2007) que acreditam que o desenvolvimento da competência multilíngue se dá por meio da educação para a cidadania, com linguagem aberta e respeito às diferenças, que privilegia a construção da identidade por meio do contato com outras línguas e culturas. Isso mostra que no espaço propício ao seu desenvolvimento, em termos de seu próprio ambiente de produção, é necessário estar atento às diferenças.

Outro aspecto encontrado na pesquisa, ressalta a importância da Libras enquanto formação do sujeito e principalmente do seu desenvolvimento cognitivo e educacional. Nesse sentido a entrevistada – 2 (E 2) destaca:

A Libras é totalmente importante na vida dos surdos, pois é a primeira língua e, também, a língua de instrução. A partir dela que o surdo vai desenvolver suas habilidades cognitivas e suas competências. (E 2).

A partir da fala da E 2, percebe-se a preocupação na constituição do sujeito surdo. A língua de sinais vem ao encontro, pois ao permitir a constituição desse sujeito, possibilita a sua interação social, o seu desenvolvimento cognitivo e a sua educação. De acordo com Slomski (2012), é necessário inserir a criança surda no contexto da aprendizagem de duas línguas em um ambiente que seja significativo para ela, para que ela possa se constituir como sujeito da linguagem, assim como propiciar essa oportunidade para crianças ouvintes.

Sabe-se que a linguagem é determinante na constituição do sujeito. Esse ponto é trazido pela Entrevistada 3 (E 3) que reconhece como a principal importância das línguas de sinais o fato de elas possibilitarem a relação do sujeito com o mundo ao seu redor.

A Libras para o sujeito surdo brasileiro é fundamental. É pela língua que ele compreenderá o mundo a sua volta, fará conexões e registros de fatos, poderá narrar histórias, bem como poderá acessar conhecimentos dos mais variados. É através da língua que o sujeito interage com o mundo e com o outro. No caso dos surdos, existem muitos estudos que desde a década dos anos 1960 já afirmam que a língua de sinais é a língua natural das pessoas surdas. Se nós ouvintes nos comunicamos e vamos apreendendo o mundo através da linguagem, através da língua, da mesma forma acontece com os surdos. No entanto, como eles não têm o impulso auditivo da informação que é recebida, eles acabam ficando privados de se desenvolver plenamente. Então é fundamental para o desenvolvimento da pessoa surda, em todos os aspectos da sua vida, o acesso a língua de sinais e o acesso ao aprendizado se dá potencializado pelo contato precoce com essa língua. E depois de adquirida a língua, será através da presença da Libras nos ambientes onde os surdos estiverem, onde estiverem estudando, ou se a pessoa surda estiver assistindo algum conteúdo, é muito importante que ela possa receber também as informações sinalizadas. Quando a gente fala em língua de sinais e surdos, isso é uma questão que não é só brasileira, que é mundial em relação a comunidade surda. Quando a gente fala do contexto brasileiro, aí sim a gente vai se referir à Libras, à Língua brasileira de sinais. Julgo pertinente fazer essa diferenciação. (E 3).

Já o trecho abaixo da Entrevistada 4 destaca a surdez dentro de uma perspectiva mais ampla, ao abordar a necessidade do professor se instrumentalizar e se qualificar para a atuação nos dois contextos diferentes dentro da mesma sala:

Quando pensamos em alfabetização de crianças surdas, precisamos considerar a primeira língua e metodologias de ensino de segunda língua. Os caminhos percorridos pelos surdos no aprendizado do português não são os mesmos dos ouvintes, pois trazem línguas e conhecimentos distintos. Práticas que partem da oralidade do Português não são consideradas, pois a língua de referência da criança é a Libras. Por isso, a importância da educação bilíngue, uma vez que o contexto da inclusão impõe ao professor o desafio de pensar em um processo de alfabetização para dois públicos completamente diferentes. E, na maioria dos casos, o que acontece é que a aula é pensada para a maioria ouvinte. (E 4).

4.2 Educação de surdos: desafios e conquistas

Segundo pesquisa de Lacerda (2006), uma das principais desafios da educação bilíngue se deve basicamente ao despreparo da maioria dos profissionais da educação no que diz respeito à Língua Brasileira de Sinais, à falta de compreensão das especificidades da surdez, principalmente os métodos de comunicação dos surdos. Esses educadores, a partir desse desafio, podem criar obstáculos, dificultar o desenvolvimento das crianças surdas, assim como o processo de aprendizagem, bem como podem atrasar a comunicação por sinais e contribuir

para consequências emocionais, sociais e cognitivas. Sobre esse aspecto a Entrevistada 1 afirmou:

Na minha experiência as maiores dificuldades foi encontrar surdos adultos que não tiveram a oportunidade aprender a se comunicar, expressar seus sentimentos e expectativas, o desafio maior era para despertar o interesse, pois sem interesse não há aprendizado, e achar estratégias para fazer funcionar. Foi preciso resgatar a história de cada um, trazer lembranças e relacioná-las com mundo atual, muito gratificante ver surdos de 18 a 70 anos contando suas histórias em Libras, assinando seus nomes pela primeira vez, escolhendo suas cores, comidas e lugares preferidos. Vejo como desafio atual a formação dos pedagogos bilíngues de modo que se formem com uma maior bagagem referente a fluência em Libras e cultura surda possível, além dos demais conhecimentos necessários, e também a relação com as famílias de surdos, os quais não têm perspectivas de sucesso sobre seus filhos surdos (E 1).

A lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais, garante a Libras como uma disciplina obrigatória nas licenciaturas, e por sua vez, o direito universal à educação dos surdos com foco na formação especializada de professores e instrutores. Sobre essa questão dizem as entrevistadas:

Eu atuo desde 2004, na época não tinha formação bilíngue. Entrei na escola de surdos em que atuei, sabendo um pouco da língua de sinais e sem conhecer nenhuma metodologia adequada para o ensino de segunda língua. Foi bem complexo e difícil para mim, até entender que a metodologia deveria ser diferente dos alunos ouvintes e a fluência em libras era muito importante. Me esforcei, consegui adquirir fluência e busquei estudar sobre a metodologia adequada, os recursos necessários para uma educação realmente bilíngue. Não queria fazer de conta que ensinava meus alunos, queria que eles aprendessem e, aos poucos, percebi que estava funcionando, o ensino estava acontecendo. A princípio, os alunos relatavam que não gostavam de português, que era uma língua muito difícil e muitos não demonstravam interesse em aprender. Aos poucos, fui conquistando eles e recebi muitos relatos de surdos que cada vez queriam aprender mais e mais. Inclusive pediam aula particular como reforço. (E 2)

Acredito que um dos maiores desafios em relação à educação de surdos se dá na medida em que temos ou não fluência, que temos a capacidade de uso da língua de maneira adequada para aquela faixa etária com a qual estamos atuando. Este é um ponto principal e é preciso que tenhamos consciência disso, para que possamos agir, cada um na sua formação pessoal, de maneira a minimizar esse impacto por não saber ou por ter pouco conhecimento da língua. Destaco também a falta de políticas públicas voltadas tanto para formação dos professores de surdos quanto para os próprios surdos, possibilitando que eles tenham outras formas de acessar conhecimentos através de projetos complementares, através de formação complementar. E também junto às famílias de crianças surdas, destaco também a ausência de um sistema que acolha esta família de forma mais ampla e integral, porque

atualmente ainda é muito forte o discurso clínico-terapêutico, aquele discurso médico de normalização da surdez, onde crianças surdas que passam pelo teste da orelhinha são imediatamente encaminhados para os processos de realização de implante coclear e em nenhum momento ou em raras ocasiões essas famílias são acolhidas para receber informações em relação a necessidade de acesso a língua de sinais ou sobre a importância de que a criança surda tenha um espaço de escolarização adequado, onde possa ser ensinado em Libras (No caso do Brasil). Eu acredito que são esses os maiores desafios ainda hoje. Eu enfrentei desafios desta natureza quando atuei diretamente na Educação Básica e percebo que ainda hoje são muito similares os desafios dos que nós tínhamos há mais de 10 anos atrás. (E 3).

Sempre que dialogo com aqueles que atuam em escolas municipais e estaduais, percebo o quanto é desafiador o cotidiano daqueles que atuam nesses espaços. [...] aquisição tardia da Libras e às dificuldades com o português como segunda língua com os nossos jovens que chegam para fazer o Ensino Médio. (E 4)

De acordo com Lopes (2011), não há garantia de aprendizagem do aluno surdo que simplesmente seja incluído na educação formal. O uso e a familiaridade com a Libras na primeira infância por parte do aluno e a metodologia utilizada pelo professor são de fundamental importância. Essas questões inspiram um relacionamento melhor entre alunos e educadores, levando a aceitar as diferenças e conseqüentemente trabalhar todos os aspectos que envolvem a aprendizagem desse aluno.

4.3 A importância da educação bilíngue e suas potencialidades na educação das crianças surdas

O Decreto presidencial nº 5.626/05 (BRASIL, 2005), que regulamenta a “Lei de Libras”, estipula que a educação bilíngue deve ser desenvolvida por meio de professores bilíngues em diferentes níveis da educação básica. Concluímos, portanto, que o espaço do ensino fundamental deve ser organizado de forma que a Libras seja a língua de diálogo entre professores e alunos surdos e, portanto, a língua de ensino que media o processo escolar. Assim, os professores precisam ser bilíngues, pois a língua portuguesa escrita não pode ser utilizada na relação direta entre professores e alunos no processo de ensino pelos seus motivos substantivos. A existência da escrita em português no processo de formação se deve à organização do ensino, pois as atividades, os livros didáticos complementares em sala de aula e os livros didáticos destinados à leitura são todos escritos em português, o que também garante o seu status linguístico (BRASIL, 2005). Nas palavras de duas entrevistadas:

Acredito que uma educação bilíngue, onde a Libras é a língua de instrução, desde a educação infantil despertaria os processos cognitivos desses sujeitos elevando qualitativamente e quantitativamente as habilidades de percepção, raciocínio, comunicativas, sociais e muitas outras fazendo com que cada sujeito alcance o seu máximo de desenvolvimento (E 1).

Eu acredito que para os surdos a melhor escola, desde a educação infantil, é a escola bilíngue, pois proporciona a aquisição da primeira língua (a libras), tem instrutor surdo e professores bilíngues preparados para uma educação efetiva para esse aluno (E 2).

Portanto, mesmo que não tenha relação direta e significativa com o desempenho dos professores em salas de aula habituais, o uso da Libras na educação de alunos surdos tem se mostrado o método de aprendizagem mais eficaz. De acordo com os resultados destacados por Domingos (2014), por exemplo, o uso da Libras no processo de ensino é essencial para o desenvolvimento e progresso da linguagem e cognição e para a minimização dos desafios de aprendizagem da língua escrita. Assim também argumentam as docentes entrevistadas:

Eu penso que a proposição de uma educação bilíngue para alunos surdos, que parte do pressuposto de que a língua de sinais é a primeira língua e que a língua falada no país, a sua modalidade escrita, configura-se enquanto segunda deste grupo é um avanço extremamente significativo para que o pleno desenvolvimento de surdas e surdos se efetive nos espaços escolares. Na minha visão, esta é a premissa primeira para se pensar nas práticas escolares de crianças surdas. Neste sentido, pensar em propostas de educação bilíngue para crianças surdas na Educação Infantil se faz fundamental, pois quanto mais cedo iniciar o contato com a língua de sinais, maior será o potencial de desenvolvimento de crianças surdas, da mesma forma como ocorre com crianças ouvintes na mesma faixa etária. (E 3).

Na minha opinião, a educação infantil é a etapa educacional que mais necessita de investimentos por uma implantação de educação bilíngue. É nos primeiros anos de vida que as crianças desenvolvem a aquisição da primeira e é no contexto escolar, o maior espaço de contato com a língua de sinais, conforme pesquisas recentes. Muitos surdos são de famílias ouvintes e, ainda hoje, acabam tendo contato com a primeira língua tardiamente. Esse atraso impacta diretamente no desenvolvimento da criança, inclusive no processo de alfabetização da segunda língua. (E 4).

O professor precisa ser proficiente, ter uma formação pedagógica sólida e consistente e ao mesmo tempo, sim, ter um conhecimento linguístico, especialmente o conhecimento linguístico não da gramática e o da linguística profunda, né, mas sim conseguir usar a língua como instrumento de trabalho, porque a criança, é sua língua de interação, de estar no mundo, né, mas para o profissional é também um instrumento de trabalho. Ele precisa ter para ele poder proporcionar ao estudante a aquisição dela e também não só isso, não é só para eu ensinar, eu tenho que saber para eu poder interagir de modo profundo (E 5).

4.4. Educação bilíngue na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Especificidades da/o pedagoga/o bilíngue

De acordo com as entrevistadas, o pedagogo bilíngue possui um papel de extrema importância no que diz respeito à educação, tanto na Educação infantil quanto no Ensino Fundamental.

Destaco como básico a formação didática e a fluência em Libras, ambas não podem estar separadas [...] Há muitas propostas de educação bilíngue, porém, não há ainda uma proposta norteadora para educação bilíngue em âmbito nacional [...] Vejo como principal contribuição da/o pedagoga/o bilíngue o ensino direcionado ao sujeito surdo, sem intermediários como intérpretes, é a/o pedagogo/a bilíngue que vai perceber diretamente o desenvolvimento e traçar estratégias didáticas-pedagógicas de acordo com a necessidade dos alunos. É o que já deveria existir mas infelizmente a realidade é outra, vejo as turmas de educação infantil com planos de aulas baseados na cultura ouvinte sejam contos, música, histórias, comportamentos tudo tem base na cultura do professor que não tem a experiência da cultura surda, as vezes até usa o alfabeto manual, porém o alfabeto manual é uma ferramenta para o ensino de língua portuguesa e não para o ensino de libras para sujeitos surdos. (E 1).

A fala da Entrevistada 1 dialoga com o que Lacerda (2006) destaca sobre a mediação do intérprete:

A presença de um intérprete de língua de sinais em sala de aula pode minimizar alguns aspectos desse problema, em geral, favorecendo uma melhor aprendizagem de conteúdos acadêmicos pelo aluno, que teria ao menos acesso (se conhecesse a língua de sinais, ou pudesse adquiri-la) aos conteúdos trabalhados. Todavia, este aluno continua inserido em um ambiente pensado e organizado para alunos ouvintes. (LACERDA, 2006, p. 177).

Nesse sentido, percebe-se nas falas das entrevistadas, a importância em relação ao pedagogo bilíngue, do uso de Libras em sala de aula, bem como outras competências relacionadas ao conhecimento das especificidades desses alunos e das metodologias de ensino mais propícias ao seu processo de aprendizagem:

Entendo que para atuar com ensino bilíngue um dos pilares é saber língua de sinais, conhecer a cultura surda e ter formação na área que pretende atuar dentro da educação bilíngue. [...] O pedagogo bilíngue é o profissional mais preparado para atender os alunos surdos e, até mesmo com outras deficiências porque tem uma educação voltada ao aluno que necessita de atendimento diferenciado. Esses profissionais devem estar preparados a atuar não só com alunos surdos, pois temos surdos com outras deficiências. Tem que ser um

profissional que saiba libras e conheça a cultura surda. (E 3).

Em relação ao desenvolvimento infantil, entendo que as competências para atuar com crianças são as mesmas, sejam elas surdas ou ouvintes. Estas competências são aquelas que a formação em Pedagogia visa preparar os futuros profissionais para a atuação no campo. No que diz respeito em específico à educação de surdos, vejo que é fundamental conhecer a língua de sinais, saber se comunicar com a criança surda, além de desenvolver as habilidades necessárias à elaboração de materiais didáticos e de apoio pedagógico para ser utilizado com estes alunos [...] É importante que sejam elaborados materiais de apoio que possam auxiliar a criança surda a compreender de maneira concreta as características da língua escrita na qual a criança deverá ser alfabetizada, bem como também conteúdos e materiais em língua de sinais, visto que nos processos de alfabetização e letramento de crianças surdas, no cenário brasileiro, na maioria dos casos é necessário alfabetizar a criança em Libras primeiro. (E 3).

No entanto, é importante lembrar que esse aluno surdo cresce como qualquer criança na escola: ele está construindo a linguagem, os sistemas de identificação, os valores sociais e emocionais e assim por diante. Na escola, as crianças aprendem e aperfeiçoam narrativas, descrições, usam a linguagem em diferentes situações, ampliam seus conhecimentos linguísticos, vivenciam regras de convivência social, regras de formação de grupos e valores sociais básicos para se adaptarem à vida em sociedade. Nesse sentido, são esclarecedoras as considerações trazidas por uma das entrevistadas.

Conhecer as especificidades linguísticas dos sujeitos surdos. Digo isso, porque é muito comum encontrarmos profissionais que não entendem como se dá o processo de aquisição da língua de sinais pelo surdo e não conhecem o processo de apropriação do português escrito como segunda língua. É importante saber Libras, conhecer metodologias, mas é fundamental conhecer o aluno e saber que há diferentes perfis de surdos, diferentes realidades e aspectos que impactam diariamente no trabalho do professor. Conhecendo um pouco sobre as questões linguísticas, o professor poderá fazer escolhas adequadas para os diferentes alunos surdos. (E 4).

4.5 Desafios no campo de atuação da pedagogia bilíngue

Segundo a pesquisa de Kubaski e Moraes (2009), o importante é a interação entre as duas linguagens para que a criança possa crescer e desenvolver suas habilidades cognitivas, linguísticas, emocionais e políticas, independente do espaço escolar em que se encontre. Para tanto, é necessário compreender a temática da singularidade de sua linguagem e perceber que

os alunos surdos precisam de educação específica. O ideal é que os surdos aprendam primeiro a língua de sinais e depois o português para promover sua compreensão, pois os alunos de uma segunda língua utilizam a primeira língua como estratégia de aprendizagem.

Sobre os desafios nesse campo de atuação, as entrevistadas trouxeram o que segue.

O desafio e a dificuldade é no currículo do curso ampliar conhecimento da cultura surda e fluência em Libras sem diminuir outros conhecimentos necessários. Para a primeira geração de pedagogos eu diria: 1 Procure sempre se pôr no lugar do aluno surdo, seja no momento de preparar seu plano de aula ou criar uma atividade, pensar numa história para contar, ou seja, em todos os momentos. 2. Use a língua de sinais durante todo o tempo na escola, seja na sala de aula, no intervalo, na conversa com outro professor, na conversa com a família. O/a aluno/a estará de olho em você, se espelha em você, vai querer ser como você, e além de tudo você é a fonte de informações principais, pois se não há outras pessoas que utilizam a Libras em casa, por exemplo, mais restrições de informação esse/a aluno/a terá. 3 Procure participar de alguma forma dos movimentos e comunidades surdas (seja associações, encontros esportivos, grupos de conversa, grupos diretivos) pois assim poderá se atualizar linguística e culturalmente. 4 Torne a leitura um hábito. A educação de surdos está num momento crucial, muitas pesquisas sendo produzidas e publicadas, é fundamental acompanhar, estudar e debater. 5 Compartilhe experiências, crie grupos de estudos (com profissionais surdos e ouvintes) mesmo depois de formados redes de contato são valiosíssimas. (E1).

Acredito que os futuros pedagogos bilíngues terão muitos desafios relacionados às escolas, aos colegas de trabalho e às famílias de surdos. São inúmeros os desafios e dificuldades, mas são profissionais mais preparados e que irão enfrentar as dificuldades com sabedoria. [...]Penso que os pedagogos bilíngues que estão se formando já farão a diferença na educação e transformarão a realidade nas escolas em que atuarão. (E 2).

Então, se um dos grandes desafios para o pedagogo bilíngue está relacionado ao uso da língua de sinais, eu diria para esses futuros colegas para que busquem se qualificar no uso da língua, pois é sim um ponto primordial para o trabalho. Por outro lado eu diria para que não percam a vontade, a motivação nem o desejo de seguir em constante evolução de suas práticas e de seu modo de pensar. (E 3).

Para Quadros e Perlin (2007), o processo de alfabetização de crianças surdas deve ser desenvolvido tendo o português como segunda língua, produzindo assim uma leitura possível do mundo, mas a leitura do mundo deve ser feita por meio da língua de sinais. Em outras palavras, somente por meio da linguagem as crianças podem pensar e discutir o mundo, estabelecer ideias e organizar ideias, e delinear o processo de alfabetização a partir da descoberta da própria linguagem. É um grande desafio:

Tudo envolve planejamento linguístico e no caso de uma minoria linguística, houve a necessidade de fortalecê-la enquanto língua, de ratificar o seu status linguístico. [...] Aos meus queridos pedagogos bilíngues da primeira turma, digo: Sigam em frente. Há muito trabalho pela frente e aproveitem as oportunidades que vão começar a surgir para fazer a diferença. (E 4).

Portanto, à luz de várias discussões e pesquisas como as apontadas na fundamentação teórica, bem como para essas pesquisadoras/ docentes do campo da educação bilíngue, para os alunos surdos usuários de língua de sinais, o melhor é serem educados em escolas que ensinem conteúdos em seu próprio idioma, de forma que tenham professores e colegas que compartilhem Libras com eles para que possam se desenvolver o mais plenamente possível.

CONCLUSÃO

Ao longo do trabalho foram discutidos conceitos e definições relacionadas à educação bilíngue de crianças surdas. Embora haja cada vez mais discussão sobre educação bilíngue, bilinguismo, Libras, etc, algumas das questões levantadas ao longo desta pesquisa ainda são ignoradas por boa parte dos gestores e profissionais da educação, por muitas famílias com filhos surdos, pela sociedade em geral.

A partir das entrevistas, foi possível reafirmar, através do conhecimento e da ampla experiência dessas pesquisadoras/docentes, a importância de Libras na vida e na educação das pessoas surdas. A mesma contribui para compreender a diversidade social e ao mesmo tempo enriquecer a educação, não apenas dos alunos surdos, mas de todos os alunos. Dessa forma, pode colaborar no enriquecimento das aulas, na inter-relação não apenas com a linguagem através dos símbolos, mas na inserção do educador na cultura dos surdos usuários de língua de sinais.

Em relação à importância da Libras na sala de aula, as entrevistadas foram unânimes em reconhecer que essa língua é o modo como as pessoas surdas se constituem enquanto sujeitos na sociedade. Como sua primeira língua, é essencial para o aprendizado de todo e qualquer conteúdo e, além disso, torna-se a sua forma de compreender e de se posicionar no mundo.

Já em termos da relação entre a Libras e o ensino de português, foi possível constatar algumas especificações. Uma delas é, no caso dos alunos surdos, a priorização da Libras como primeira língua e do português - em sua modalidade escrita, como segunda língua. Em turmas

com surdos e ouvintes, o professor possui o desafio de adotar estratégias para esses dois públicos de alunos com primeiras línguas diferentes.

Em termos de desafios, as entrevistadas ressaltaram que um dos maiores é quando a criança não teve contato desde pequena com a Língua brasileira de sinais. Esse desafio acontece, principalmente, pois a criança em fase da escolarização, ou então o adulto surdo nessa condição, não desenvolve o interesse e a criatividade para a aprendizagem, o que consequentemente compromete o resultado em sala de aula. Outro desafio destacado foi em relação à fluência em Libras e sua utilização de acordo com a faixa etária do aluno. Nesse contexto, as educadoras entrevistadas defenderam o constante aperfeiçoamento na área de Libras bem como a necessidade de políticas públicas, em âmbito nacional, que efetivamente contemplem a realidade do aluno surdo, desde a Educação infantil, de forma a criar uma base sólida que favorecerá no percurso da educação desse aluno.

Para tornar nosso ensino bilíngue um ensino de alta qualidade precisamos: do apoio e da preparação de professores; de apoio pedagógico; do domínio dos métodos, procedimentos, habilidades e recursos de ensino bem como da avaliação desses constantemente, pois é um campo novo. Somente com uma compreensão mais ampla do desenvolvimento do bilinguismo, da relação com o desenvolvimento cognitivo e das condições sociais, econômicas, históricas e psicológicas que cercam a questão, a educação bilíngue pode ser desmistificada, esclarecendo as várias possibilidades existentes e suas possíveis consequências.

Espera-se que o presente estudo, através da revisão da literatura e das contribuições das entrevistadas, possa contribuir para destacar as potencialidades da educação bilíngue (libras/português) e, principalmente, a importância de inserir a criança surda ainda na educação infantil nessa modalidade de educação. Destaca-se, nesse sentido, a necessidade da formação de pedagogas/os bilíngues. Um docente reúne o conhecimento da língua de sinais e os conhecimentos no campo da pedagogia, podendo, assim, mediar diretamente todos os aspectos do processo de ensino/aprendizagem. A educação bilíngue é, além disso, o projeto mais próximo do surdo usuário de Libras no que se refere às questões de identidade e de cultura. Ela possibilita as bases para que esses sujeitos participem na sociedade de forma efetiva e completa, com as suas diferenças e potencialidades respeitadas e reconhecidas .

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. V. de. **Dos aprendizes artífices ao Instituto Federal de Santa Catarina.** Florianópolis: Publicações do IF-SC, 2010.

BALTAR, M. A. R. CERUTTI-RIZZATTI, M.E. ZANDOMENEGO, D. **Leitura e produção textual acadêmica I.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

BÄR, E. C. Licenciaturas em Pedagogia Bilíngue (libras/português): aspectos políticos, linguísticos e pedagógicos e as apropriações das bases teórico- conceituais da pedagogia. **Tese de Doutorado.** Programa de Pós- Graduação em Educação da Faculdade de Educação. Campinas, SP: [s.n.], 2019.

BÄR, E. C. MASUTTI, M. L. **Educação Bilíngue (libras/português):** pesquisa e fazer educativo. Florianópolis: Publicações do IFSC, 2015. Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/documents/30701/523474/livro_educacao_bilingue_de_surdos_producao.pdf/c18194b1-6dd7-ad6a-c036-d67166289a33>. Acesso em 19 set. 2020.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 20 fev. 2021.

BRASIL. Lei 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Dispõe sobre o regime jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais. **Diário Oficial da União,** Brasília, 18 mar. 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L8112cons.htm . Acesso em: 15 fev. 2021.

CARVALHO, E. L. da S; RIBEIRO, J. S. M. Alfabetização e letramento - repensando o ensino da língua escrita no ensino fundamental. In: **Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia,** Medianeira, Cadernos Ensino EAD, 4764-16460-1-RV, 2017.

COOPER, D. R. SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração.** 12° ed. Porto Alegre: Bookman, 2016.

DIDÓ, A. G. **Práticas sociais de leitura e de escrita em Libras.** Indaial: Uniasselvi, 2013.

DOMINGOS, M. C. da S. A inclusão do aluno surdo da educação infantil no ensino regular. **Revista Virtual De Cultura Surda** Edição Nº 14 / Setembro de 2014.

FAQUETTI, M. F; VANIN, M; BLATTMANN, U. Apresentação de trabalhos escolares: a biblioteca no processo de aprendizagem. In: **Congresso Brasileiro De Biblioteconomia, Documentação E Ciência Da Informação,** 21., 2005, Curitiba: FEBAB, 2005.

FERNANDES, S; MOREIRA, L.C. Desdobramentos político-pedagógicos do bilinguismo para surdos: reflexões e encaminhamentos. In: **Revista “Educação Especial”,** v. 22, n. 34, p. 225-236, maio/ago. Santa Maria, 2009.

FERNANDES, E; RIOS, K. R. Educação com bilinguismo para crianças surdas. In: **Intercâmbio**, II: 13-21, 1998.

GONÇALVES, M. de L; ANDRADE, A. I. Disponibilidades e autoimplicação: desenvolvimento profissional e plurilinguismo. In: **Educação**, Porto Alegre/RS, n.3(63), p. 457-477, set/dez, 2007.

IFSC. **Projeto Pedagógico de curso**. 2016 Disponível em: <http://palhoca.ifsc.edu.br/images/artigos/anexos/pdf/pedagogia/PPC_PedagogiaBilinguePresencial_2016.pdf. Acesso em: 20 fev. 2021.

LACERDA, C. B. F. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. In: **Cadernos CEDES**, 26(69), 163-184, 2006.

LAZARTE, L. Ecologia cognitiva na sociedade da informação. In: **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 43-51, maio/ago. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652000000200006>. Acesso em: 19 ago. 2009.

LODI, A. C. B. Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.39, n.1, p.49-63, jan./mar, 2013.

LOPES, M. C. **Surdez e Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

KARNOPP, L. B. Língua de sinais na educação de surdos. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (org.). **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005, p. 105-113.

KUBASKI, C; MORAES, V. P. O Bilingüismo como proposta educacional para crianças surdas. **IX Congresso nacional de educação- EDUCERE; III Encontro sul brasileiro de psicopedagogia**, PUCPR, 2009.

MORAIS, M. P. de; MARTINS, V. R. de O. Educação bilíngue inclusiva para surdos como espaço de resistência. **Pro-Posições**, Campinas, v. 31, e20180089, 2020.

NASCIMENTO, V.; BEZERRA, T. C. Professor bilíngue de surdos para os anos iniciais do Ensino Fundamental: De que formação estamos falando? In: ALBRES, N. de A.; NEVES, S. L. G. (orgs.). **Libras em estudo: formação de profissionais**. São Paulo: FENEIS, 2014.

QUADROS, R. M. de; PERLIN, G. **Estudos surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

RODRIGUES, D. **Inclusão e educação: doze olhares sobre a Educação Inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

SILVA, V. A luta dos surdos pelo direito à educação e ao trabalho: relato de uma vivência político-pedagógica na Escola Técnica Federal de Santa Catarina. **Dissertação de Mestrado**. Florianópolis: UFSC, 2001.

SLOMSKI, V. G. **Educação Bilíngue para surdos**: concepções e implicações práticas (2ª ed.). Curitiba: Juruá, 2012.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SKLIAR, C. A localização política da educação bilíngue para surdos. In: _____ (Org.). **Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos**: Interfaces entre Pedagogia e Linguística. 4ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre as necessidades educativas especiais**. Brasília: CODE, 1994.

ANEXO 1 Questionário

1. Quais as possibilidades abertas pela educação bilíngue nas trajetórias escolares dos sujeitos surdos? E quais seriam as potencialidades, benefícios desse tipo de educação já na educação infantil?
2. Como você descreve a importância da Libras na vida dos sujeitos surdos ?
3. O que você destacaria em termos de competências básicas para atuação na educação bilíngue para surdos e, especialmente, para crianças surdas?
4. Poderia citar algumas das especificidades das metodologias de ensino nos processos de alfabetização e de letramento de crianças surdas nas propostas de educação bilíngue?
5. Qual a principal contribuição ou as contribuições da/o pedagoga/o bilíngue na educação de crianças surdas? Por que esse é o profissional indicado para tal?
6. Poderia compartilhar um pouco da sua experiência na educação de surdos: quais as maiores dificuldades encontradas, quais as realizações/conquistas e quais os desafios atuais?
7. E em relação a esse campo novo, da pedagogia bilíngue, o que você destacaria como principais dificuldades e desafios e o que você diria a essa primeira geração de pedagogos bilíngues que está se formando?

ANEXO 2 Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: intitulada “O PAPEL DA/O PEDAGOGA/O BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS SURDAS”. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do Pesquisador (a) responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins.*

Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o (a) pesquisador (a) responsável Daiani Pereira, através do telefone: XXXX ou através do e-mail XXXX.

A presente pesquisa é motivada pela necessidade de compreensão e valorização da pedagogia bilíngue na educação de crianças surdas. O objetivo desse projeto será o de compreender e descrever o papel da/o pedagoga/o bilíngue na educação de crianças surdas.

Para a coleta de dados será utilizado características bibliográficas e documentais, pautadas no campo da pedagogia bilíngue, e também será feita uma coleta de dados primários através de questionários e entrevistas. Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer tempo e aspecto que desejar, através dos meios citados acima. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sendo sua participação voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

O(s) pesquisador(es) irá(ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e todos os dados coletados servirão apenas para fins de pesquisa. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____ estou de acordo em participar da pesquisa intitulada “O PAPEL DA/O PEDAGOGA/O BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS SURDAS”, de forma livre e espontânea, podendo retirar a qualquer meu consentimento a qualquer momento.

_____, de _____ de 20____

Assinatura do responsável pela pesquisa

Assinatura do participante

* Por conta da pandemia de Coronavírus a ciência e o aceite em relação ao Termo foi dada através de e-mail.